

ESPAÇO

Susan Blum

Mestrado em Estudos Literários (UFPr)

E-mail: susanpessoa@yahoo.com.br

5

Entro no espaço dela e tiro o sapato em um gesto automático. Só então percebo o silêncio nada habitual do ambiente. Cadê o sorriso e as tentativas de abraços? Antes que alguma lágrima caia, calço novamente os sapatos.

Não quero sentir o frio do chão... Meu coração já está gelado o suficiente. Entro na cozinha e ainda lavo as mãos (certos hábitos vão permanecer). Coloco as caixas na cozinha e dou um suspiro ao ver tantos armários com pratos, copos, talheres e utensílios antes tão usados a cada almoço de domingo ou jantar de sábado. Ouvir as mesmas histórias centenas de vezes e grudar o sorriso no rosto para ouvir tudo de novo.

Depois de algumas horas ali, vou para o quarto dela. Abro os armários e vou tirando com cuidado cada vestido, blusa, calça, o perfume dela vai despertando imagens, passeios, festas, encontros. São tantas fotografias sentimentais em cada vestimenta, que é necessária uma pausa, uma ida ao banheiro, um copo de água na sacada, um olhar para o exterior...

Chega de olhar para dentro. Não aguento mais olhar o que tem aqui dentro. Suspiro, e volto para dentro do apartamento.

Na sala vejo as fotos de família. Ela casando com meu pai... ela grávida de meus irmãos... nós, pequenos, com o cachorro no quintal de casa... o último Natal em família, em 2019.

De lá para cá, papai morreu, fiquei grávida, e agora ela se foi...

Antes de ir embora, ela entrou em um labirinto pessoal, perdendo-se de tudo e de todos, menos do bordado e de minha gravidez.

Meu olhar recai para algo em um canto do sofá. Vou olhar: um bordado inacabado, com o fio vermelho pendendo na agulha que estava terminando a árvore genealógica da nossa família. Ela estava iniciando um nome. Um nome que ela nunca esqueceu, apesar de ainda não existir. Um nome que estava iniciando no bordado, entrando no galho superior da árvore, um espaço para ele existir ali... mas que nunca existiria de verdade... e ela morreu sem saber.